09:42 36%

Congresso dos EUA cobra redes sociais por proteção a crianças

CEOs de Snap e Meta se desculparam com pais e vítimas. Zuckerberg tenta jogar responsabilidade sobre Google e Apple

LONDRES E WASHINGTON

Executivos à frente das principais redes sociais foram alvo de forte pressão de senadores americanos em audiência realizada ontem no Congresso dos Estados Unidos para discutir a exposição de menores de idade a riscos nessas plataformas, incluindo pedofilia e ameaças à saúde mental. As empresas são acusadas de não fazerem o suficiente para limitar esses riscos.

Mark Zuckerberg, CEO da Meta, se desculpou com as famílias presentes. E jogou a culpa pela exposição de crianças e adolescentes a conteúdos inapropriados para as lojas de aplicativos, argumentando que elas deveriam controlar a idade dos usuários.

Além de Zuckerberg, compareceram à audiência Linda Yaccarino, do X (ex-Twitter), Shou Zi Chew, do TikTok; Evan Spiegel, do Snap, e Jason Citron, do Discord.

— Sinto muito por tudo que vocês passaram. Ninguém deveria passar pelas coisas que suas famílias sofreram e é por isso que investimos tanto e continuaremos a fazer esforços em toda a indústria para garantir que ninguém tenha que passar pelas coisas que suas famílias tiveram que sofrer — disse Zuckerberg.

Também Spiegel, do Snap, pediu desculpas às famílias cujos filhos morreram após comprarem drogas pelo Snapchat, em resposta às colocações da senadora democrata da Califórnia Laphonza Butler.

— Sinto muito por não termos sido capazes de evitar essas tragédias — afirmou ele, antes de citar esforços que a empresa faz para proteger os jovens usuários, incluindo o monitoramento proativo de conteúdo relacionado a drogas e o trabalho para educar adolescentes e famílias sobre os perigos do opioide fentanil.

'SANGUE NAS MÃOS'

Laphonza reconheceu que há "bons esforços" sendo feitos, mas retrucou que nenhum deles está impedindo crianças de terem acesso a drogas na plataforma.

— Zuckerberg, o senhor e as empresas que temos diante de nós, sei que não é sua intenção, mas têm as mãos manchadas de sangue. Têm um produto que está matando pessoas — disse o senador Lindsey Graham aos executivos.

Zuckerberg culpou outras duas gigantes de tecnologia, Google e Apple, pela exposição de crianças e adolescentes a conteúdo inapropriado em redes sociais, cobrando que as lojas de aplicativos deveriam fiscalizar a idade dos usuários:

— Deveria ser trivial aprovar uma lei que determine que eles (Apple e Google) exijam consenso parental, de modo que os pais possam ter controle sobre quais aplicativos seus filhos estão baixando.

Ele afirmou que a Meta "trabalha duro" para oferecer a pais e adolescentes apoio e controles de uso para reduzir danos potenciais.

Todos os executivos, exceto Zuckerberg, falaram sobre também serem pais durante a audiência que se estendeu por quatro horas. Chew, do TikTok — alvo de críticas pela ligação com chinesa ByteDance — disse ter três filhos pequenos e saber bem que esses temas "são horríveis e um pesadelo para qualquer pai".

— Pretendemos investir mais de US$ 2 bilhões em confiança e segurança. Só este ano, teremos 40 mil profissionais de segurança trabalhando nesse tema — declarou Chew.

A Meta informou ter investido US$ 20 bilhões desde 2016 para tornar a plataforma mais segura, contando com 40 mil colaboradores atuando em segurança on-line.

Os senadores avaliaram que os esforços de Zuckerberg e seus pares até agora foram insuficientes.

— O Discord tem sido usado para atrair, sequestrar e abusar de crianças. O Instagram, da Meta, ajudou a conectar e espalhar a rede de pedófilos — declarou o presidente do Comitê Judiciário, o senador Dick Durbin, um democrata do estado de Illinois, acusando as empresas de buscarem engajamento e lucro acima de segurança e proteção a menores.

SAIA DO CAMINHO

Os defensores dos jovens reagiram com ceticismo ao pedido de desculpas de Zuckerberg, dizendo que falar é fácil, pedindo que a empresa "saia do caminho" da regulamentação nacional.

Zamaan Qureshi, copresidente do grupo de defesa Design It For Us, chamou o pedido de desculpas de "um momento bastante insano" durante uma entrevista à CNN.

A autora da denúncia contra o Facebook, Frances Haugen, que deu início a anos de escrutínio sobre o impacto da mídia social sobre os adolescentes, disse que o pedido de desculpas do CEO da Meta aos pais foi "assombroso".

Linda Yaccarino, do X, endossou um dos projetos de lei do Comitê ainda não votado pelo Senado, que propõe que crianças vítimas de abuso sexual possam processar empresas de redes sociais, o que ajudaria na remoção de conteúdo abusivo das plataformas.

— Como mãe, isso é pessoal, e eu compartilho do senso de urgência. Está na hora de ter um padrão federal para criminalizar a postagem de material íntimo sem consentimento.

O X suspendeu buscas pelo nome de Taylor Swift, dias atrás, após falsos *nudes* da cantora terem sido compartilhados na plataforma.

Linda disse que o X não é a plataforma "de escolha de crianças e adolescentes", e menos de 1% dos 90 milhões de usuários nos EUA são menores.

Há pressão para que a Lei da Comunicação seja alterada e empresas de mídias sociais possam ser legalmente responsabilizadas pelo conteúdo compartilhado pelos usuários em suas plataformas.

Ainda não há consenso no Congresso sobre que medidas serão tomadas. Entre as propostas em andamento está a Lei de Segurança On-line para Crianças, que exige que as plataformas protejam os menores dos danos na internet.

A Meta foi alvo de ação judicial em dezembro por não remover conteúdo de abuso sexual infantil de suas redes. E o Wall Street Journal descobriu que algoritmos do grupo facilitavam a criação de uma rede de compra e venda de conteúdo sexual para menores.

KENNY HOLSTON/THE NEW YORK TIMES

Sob pressão. Zuckerberg, CEO da Meta, fala em audiência para discutir a exposição de menores a riscos na internet

Plataformas passam dos 5 bilhões de usuários em 2023, diz relatório

PARIS, FRANÇA

O número de usuários ativos nas redes sociais — em plataformas como Facebook, X (antigo Twitter) e TikTok — ultrapassou o total de 5 bilhões em 2023, o equivalente a 62,3% da população mundial, de acordo com um relatório anual publicado ontem.

O número aumentou 5,6% em um ano, enquanto a população mundial cresceu 0,9%, indica esse relatório elaborado pela agência We are social e pela Meltwater, baseado em estimativas da Kepios, empresa especializada no estudo de usos digitais.

Para efeito de comparação, 5,35 bilhões de pessoas dispõem de uma conexão com a internet globalmente.

O Facebook, do grupo Meta, a primeira rede social em termos de audiência, que no próximo domingo vai comemorar seu 20º aniversário, tem 2,19 bilhões de usuários, seguido do Instagram, do mesmo grupo, com 1,65 bilhão, e do TikTok, com 1,56 bilhão.

O relatório reconhece, no entanto, que existe um certo grau de imprecisão na contagem devido, entre outros fatores, a contas automáticas, ou a pessoas registradas mais de uma vez sob diferentes identidades.

E, como prova da curiosidade gerada pela inteligência artificial (IA), a página da Wikipédia mais visitada em 2023, independentemente do idioma, foi a do ChatGPT, o mais conhecido programa de IA generativa, desenvolvido pela empresa OpenAI.

'Quer me ver perdendo meu emprego no TikTok?'

Vídeos de profissionais demitidos por 'big techs' nos EUA viralizam nas redes. Para alguns, é uma forma de processar emoções

Do New York Times
economia@oglobo.com.br
NOVA YORK

"Estou prestes a ser demitida", disse Folashade Ade-Banjo para a câmera enquanto posicionava seu smartphone, "e você está prestes a ver isso". Em um vídeo de cinco minutos publicado no TikTok este mês, a profissional de marketing de 30 anos aparece sentada em silêncio em sua mesa, em Los Angeles, olhando para o computador com expressão sofrida enquanto balança a cabeça dizendo-se pronta para começar.

Ela estava sendo demitida por uma gigante de tecnologia americana. O vídeo acumulou meio milhão de visualizações e milhares de comentários em poucas horas na rede social mais popular entre os jovens.

— Uma das minhas resoluções para este ano foi ser muito mais aberta e honesta com as coisas que enfrento na minha própria vida, então parte disso é realmente mostrar partes da minha vida que podem não ser tão glamorosas", afirmou Ade-Banjo, dias depois, em entrevista.

Enquanto várias empresas de tecnologia, da startup Discord ao Google, cortaram centenas de empregos nas últimas semanas, alguns profissionais da área de tecnologia estão usando as redes sociais para compartilhar suas experiências de demissão, e muitos desses vídeos se tornaram virais.

As imagens mostram pessoas chorando enquanto conversam com representantes do setor de recursos humanos ou retratam a rotina de quem começa o dia sabendo que tem uma reunião misteriosa na agenda que provavelmente se revelará como a notícia de demissão.

A tendência faz parte de um movimento impulsionado por trabalhadores *millenials* ou da geração Z que consiste em compartilhar nas redes sociais todos os aspectos de suas vidas, desde histórias sobre um encontro romântico ruím até revelações profundamente pessoais em vídeos do tipo "prepare-se comigo" em atividades cotidianas diárias, como fazer sua maquiagem, dizem especialistas em carreira.

Os vídeos de demissões, muitas vezes seguidos de posts de procura de emprego em sites como LinkedIn e X, o antigo Twitter, estão lançando uma nova luz sobre um momento privado que muitas pessoas tentam esconder, como o da demissão.

— A fronteira entre o pessoal e o profissional foi quebrada — diz Sandra Sucher, economista de Harvard que estuda demissões.

Alguns trabalhadores dizem que estão usando esses vídeos para processar as emoções que envolvem a perda do emprego. Joni Bonnemort, de 38 anos, filmou-se chorando quando a empresa de financiamento de reformas em que trabalhava em Salt Lake City a dispensou de sua função de marketing, em abril.

Ela planejava compartilhar o vídeo apenas com a família, mas acabou postando no TikTok após descobrir que a empresa havia pago bônus aos funcionários que ficaram uma semana depois de fazer uma série de demissões. O vídeo acumulou mais de 1,4 milhão de visualizações e muitos comentários de apoio.

— Não queria parecer amarga, mas, ao mesmo tempo, é a minha experiência — afirmou. — Isso aconteceu com tantas pessoas.

Vanessa Burbano, professora da Columbia Business School que estuda como as práticas empresariais influenciam o comportamento dos funcionários, avalia que o trabalho remoto encorajou a manifestação on-line:

— A interação entre indivíduo e empresa mudou com o aumento do trabalho remoto.

TRACY NGUYEN/NYT

Experiência. Folashade Ade-Banjo diz que transmissão nas redes de sua própria demissão reflete resolução de ser mais honesta com o que enfrenta no dia a dia